

Episódios da guerra

FUGIRAM QUANDO OS BANDIDOS COMIAM MUITOS MELANCIAS

★ A história de Maria Mulhui e Teresinha Mazive

Vamos concluir hoje a série de trabalhos que temos vindo a apresentar sobre a guerra, mais concretamente histórias recontadas pelos sobreviventes e testemunhas oculares das sevícias dos bandidos armados, engendradas no ataque a Guijá, no último dia 23 de Janeiro.

Hoje, trazemos ao leitor duas mulheres que, juntamente com a protagonista do anterior episódio, foram, também, raptadas na tarde daquele sábado fatídico.

Tentaremos juntar os testemunhos de ambas as senhoras

Para quem tem seguido atentamente os relatos das vítimas do ataque a Guijá está, certamente, recordado que, no último relato, a história foi interrompida quando as vítimas ainda se encontravam em poder dos seus raptadores.

Será daí que retomaremos de certa maneira a narrativa de hoje, respectando, contudo, algumas diferenças que poderão ser necessárias acrescentar pela natureza da experiência individual de cada uma das raptadas do cativoiro.

As novas figuras de hoje são:

Maria Francisco Mombi, de 30 anos, casada e mãe de sete filhos, um dos quais, de 21 meses, foi raptado juntamente com ela.

A segunda vítima chama-se Teresinha Alfredo Mazive, de 19 anos, casada e à espera de um bebé, quando foi raptada e enviada de seguida, contava cinco meses.

Maria Francisco Mulhui conta que quando o ataque começou, a única primeira preocupação foi tentar pôr os filhos a salvo, operação que me levou muito tempo.

Por essa razão — explica —

quando chegou a minha vez de tentar fugir, o fogo já era muito intenso e a minha tentativa malogrou, porque quando corria com a criança nas costas, perdi forças nas articulações dos joelhos e caí por três vezes; quando tentava reerguer-me, vi que era perseguida por uma turba de bandidos.

Assim, como alternativa, acabei por refugiarme para dentro da casa de banho. Afinal, os assassinos já me tinham visto, acabando por me ir capturar.

Proseguindo, Maria Mulhui con-

ta que, quando os bandidos se sentiram aconchados pelo fogo da nossa Força Aérea, começaram a agrupar os raptados e distribuir os fardos que teria, cada um dos raptados, de transportar.

A mim coube-me uma caixa cheia de munições e diversos explosivos. Era uma caixa pesadíssima, mas tal como as outras vítimas, tive de aguentar, sob pena de me por a «descansar» para sempre, como ficou dito nos depoimentos das minhas companheiras de infortúnio — disse ela.

Durante a permanência na base dos bandidos, tanto Maria como Teresinha, não chegaram a ser abusadas, pelo menos sexualmente, pelos bandidos. Uma e outra, até aqui, não se apercebem da sorte que tiveram, pois vivem rodeadas de crianças mais novas que a da senhora Maria a serem violadas até por mais de cinco bandidos.

Para além disso, contam terem assistido a vários casos de senhoras grávidas que foram violadas até abortarem, duas das quais acabaram por perder os seus filhos e as suas próprias vidas — acrescentam com os olhos marejados de lágrimas de ódio.

Como as partes mais importantes das sevícias que tiveram de suportar no cativoiro foram amplamente tratadas nos trabalhos anteriores, pedimos a Maria Mulhui e Teresinha Mazive que nos falassem da forma

como conseguiram escapar das mãos dos bandidos, se conforme elas próprias nos disseram, eram severamente vigiadas e guardadas por forma a impedir-lhes qualquer possibilidade de fuga.

Antes de falarmos da nossa fuga — tomou a palavra Maria Mulhui — talvez fosse importante referir um aspecto que verificámos durante o tempo em que permanecemos na chamada «base central».

Apesar de nenhuma das minhas companheiras, nem eu própria, termos sido admitidas para o outro lado do campo onde estavam as pessoas consideradas de «confiança» dos bandidos, por duas vezes, eu, pelo menos, pude aperceber-me da presença, na base, de três homens brancos.

Simplemente o que não posso dizer é se eram portugueses ou «boeras», pois não estavam perto; nem os próprios bandidos que nos guardavam de lado de cá do acampamento se terão apercebido que alguns de nós teríamos visto tais elementos.

Interrompendo a colega, Teresinha Mazive corroborou a informação dada e acrescentou que durante uma vez, pelo menos, por semana, era costume, até à nossa fuga da base, ouvirem-se ruídos de motores parecendo-me de helicópteros que vinham poisar na base, entre as 22 horas e meia-noite. E isso não falhava.



A foto é sobremaneira eloquente



Se tivéssemos ficado mais tempo, acredito que teria perdido o meu filho, porque, devido à fome, o peito já não tirava leite — Maria Mulhui, aqui com o seu filho de 21 meses. (Foto de Joseph Jack)



Quando chegámos à base, todos nós, homens e mulheres, já urinávamos sangue, devido às marchas muito penosas e longas — Teresinha Mazive. (Foto de Joseph Jack)



Conseguimos fugir com os nossos filhos, porque sempre que nos mandavam ir roubar iam os com eles — Maria Mulhui. (Foto de Joseph Jack)

Como estava fora da visão delas o que se passava no campo oposto, as duas testemunhas oculares admitiram não saber o que iam fazer tais helicópteros ou aviões, mas é fácil deduzir a sua proveniência e objectivos.

Por outro lado, as condições alimentares e sanitárias da maior parte das vítimas eram fracas. Simplesmente nulas.

Comi raízes e folhas de plantas que nunca tinha visto antes, na minha vida. O meu filho comeu, também, raízes que nem sei explicar, pois do peito já não saía leite quase nenhum. Muitas crianças perderam a vida devido a doenças endémicas, tais como diarreias, paludismo, malária, marasmo, sarna, sarampo, entre outras facilmente tratáveis.

A FUGA DO CATIVEIRO

Após este acréscimo de dois episódios extremamente importantes e depois de terem acrescentado, também, que durante a sua permanência puderam verificar que mesmo em relação a alguns bandidos considerados veteranos existe um espírito de desespero — o que não existe pelo menos um bandido em cada cem que se tenha integrado no banditismo de sua livre vontade — pedimos a elas que nos relatassem a forma como puderam escapar.

Teresinha foi a primeira a explicar:

— É costume, na base, escolher-se umas tantas pessoas para cuidar à procura de comida nas machambas das populações existentes num raio de vinte trinta quilómetros. Estas «expedições» são acompanhadas por um número variável de bandidos armados, por forma a evitar fugas.

Retornando a narrativa, Maria Mulhui acrescentou:

— Acontece que, no dia 27 de Fevereiro, nós coube, pela quinta

vez, ser escalados pelos bandidos, para essas expedições de roubo.

Como é evidente, quando se é escalado e a pessoa tem um ou dois filhos menores, faz-se acompanhar por eles, porque não existem condições, nem ninguém, para velar pelas crianças. Já há muito tempo planeávamos, cuidadosamente, a possibilidade de fuga; esperávamos, apenas, que a oportunidade se nos oferecesse.

Sabíamos, também, pela experiência, que as machambas onde abundava melancia, único alimento que se conseguia roubar, normalmente nas expedições anteriores, ficavam a distâncias aproximadas de 23 quilómetros.

— Então, naquela data, quando nos escalaram às 16 horas, compreendemos logo que era aquela a oportunidade porque havíamos ansiado desde há muito tempo.

— Chegadas ao local — retomou agora a palavra a Teresinha — começamos a apanhar melancias, mas sempre atentos ao comportamento dos bandidos encarregues de nos guarnecerem. Foi quando percebe-

mos, com satisfação, que a maior parte deles estava entredida a comer o maior número possível de melancias.

Como estava a começar a escurecer, sorrateiramente fomos nos afastando e, agachadas, conseguimos distanciar-nos do resto do grupo; nós as três, juntamente com as nossas quatro crianças, começámos a compreender o difícil mas desejado caminho da fuga.

Segundo elas, orientaram-se instintivamente pelas estrelas; atravessaram, ainda nessa mesma noite, três lagoas com água não muito profunda, e dormiram no marão, tendo, como alimento essencial, as melancias que haviam transportado consigo.

No manhã do dia seguinte, foi quando conseguiram atingir a estrada que liga Combonome a Mapai. Caminharam até cerca das 12 horas, atingindo uma posição das FAM/FPLM que lhes conduziu para junto das autoridades do distrito de Mapai, após terem recebido, das populações da zona, algumas peças de vestuário, pois até aí andávamos quase nus — dizem.

Em Mapai, permaneceram três dias, aguardando a viagem de comboio que as levaria de volta ao Chokwê, local onde chegaram na noite do dia 4 de Março.

A nossa reportagem presenciou o júbilo dos familiares destas vítimas da sanha destruidora e assassina dos agentes de Pretória. Foram momentos indescritíveis, pois a notícia de que os bandidos, à medida que iam fugindo do Gui-

já foram assassinando a maior parte dos raptados, havia sido amplamente divulgada por testemunhas oculares, no ponto de a maior parte dos familiares dos raptados já não terem esperanças de voltar a ver os seus entes queridos.

Ainda há muita gente da Caniçado em poder dos bandidos, pelo

menos na base onde nós estivemos. Pgressar com vida é sempre uma sorte, pois existem diversas maneiras de se morrer, quando alguém cai nas mãos daqueles sanguinários. Nós damos graças a Deus, por termos escapado com vida — acrescentariam, a tentarmos, as nossas entrevistadas.



Uma cantina destruída no Guijá, em Janeiro último



Acácio Macuácuza, de 21 meses, no dia da chegada do cativoeiro pesava, apenas, 7 quilos e 900 gramas e tinha o aspecto que esta imagem apresenta. (Foto de Joseph Jack)



Onde quer que seja, a marca dos bandidos é a mesma: destruição. A imagem é de Homoine, uma central eléctrica destruída